

Artigo

Entre raios, tufões e tempestades

Por Luiz Carlos de Freitas Melo*

É costume ouvir dizer que esta terra é abençoada por Deus. Aqui não temos as calamidades que acontecem lá fora, não senhor. Este país é maravilhoso, afinal, aqui está o melhor futebol do mundo, somos exportadores de craques. E o nosso Carnaval, então, nem se fale...

Porém, um leitor crítico e mais atento diria, esbravejando: O que você tem a dizer da política e dos políticos em nosso país? A serviço de quem eles estão? Quem, de fato, eles representam? Já se esqueceu da Reforma da Previdência e da Reforma Universitária? Por que as grandes fortunas não são tributadas? E o vergonhoso salário mínimo aprovado pelos políticos? O que podemos esperar da Reforma Sindical e Trabalhista que está por vir? Será que estes exemplos não bastam para evidenciar que a grande maioria da classe política pensa somente no seu próprio bem?

Prosseguindo, diria, ainda, nosso leitor, que desde os tempos coloniais existe uma elite em nossa sociedade que, embora sendo a minoria, é quem de fato controla a política e a economia em nosso país. Embora sendo um pouco maior de 1% da população, esta elite se apodera de mais de 50% de toda a riqueza produzida por todos os trabalhadores do Brasil. São eles que determinam como será organizada a vida em sociedade, qual será o custo de vida, como será a distribuição de renda etc. Eles lutam para perpetuar os seus privilégios de acesso à propriedade, educação e cultura e acabam influenciando nos destinos da classe trabalhadora.

O “toque de Midas” da elite nacional transforma tudo em ouro, mas sela o futuro dos nossos filhos, privando-os do acesso à saúde e à educação de qualidade, relegando-os às condições indignas de vida, à desigualdade e à injustiça social. Neste perfil de

sociedade, os governantes não passam de meros símbolos. São apenas atores que representam um papel menor. Este sistema político e econômico não permite a existência de nenhuma outra forma de organização social. Nações, povos e formas de organizações sociais distintas foram destruídos, existindo apenas nos livros de história. Como exemplo, basta citar a REPÚBLICA DOS GUARANIS e o QUILOMBO DOS PALMARES.

Coberto de razão, nosso leitor continuou a dizer que a vida poderia ser outra, mais bela; a natureza não estaria assim devastada, destruída. Haveria justiça social, não fosse a ganância desenfreada pelo lucro dessa elite doentia. São eles, sem sombra de dúvidas, os responsáveis pela fome e miséria que assolam o nosso país e o mundo.

Ainda bem que nem tudo é vendaval, nem tempestade. Nesta sociedade de consumo, onde tudo se vende e tudo se compra, algo de bom prevalece: não puderam destruir os nossos sonhos. Pois, quando eles destroem uma nação, fica a sua história; e quando matam um homem, permanecem as suas idéias.

Nós, enquanto trabalhadores organizados e solidários, devemos preservar os nossos sonhos e a nossa história e cultivar idéias progressistas para participarmos da construção de um mundo mais equânime e justo, no qual surgirá - entre raios, tufões e tempestades - um novo tempo de preservação da qualidade da vida dos homens em sociedade, em comunhão.

* Luiz Carlos de Freitas Melo, servidor do campus de Botucatu, é Coordenador de Formação e Cultura do Sintunesp

Atiraram a pedra na direção errada.

Será que os servidores desconhecem que, ao se desfiliarem, estão a serviço daqueles que querem ver os trabalhadores divididos?

Será que não enxergam que estão sendo colaboradores de ações que visam a destruição da representação dos trabalhadores da Unesp e que a destruição das entidades sindicais está a serviço dos anseios da burguesia e do governo?

Não se constrói destruindo.

Aos companheiros que não concordam com a atual administração do Sintunesp, a medida mais acertada seria, então, organizarem uma oposição, como existe em tantas organizações sindicais, defenderem seu programa e trabalhar, inclusive, na conscientização e filiação de servidores que nele acreditam.

Qual é a contribuição que estão dando para o fortalecimento da nossa entidade sindical? Não teria sido mais produtivo voltarem suas energias para combaterem quem está, de fato, destruindo os serviços públicos de qualidade e tentando minar a classe trabalhadora?

O que têm a dizer, por exemplo, sobre a reforma sindical e trabalhista, que objetiva tirar direitos históricos já adquiridos pelos trabalhadores e destruir as organizações sindicais?

Na contramão da luta dos trabalhadores.

Os servidores desfilados estão agora fora da atu-

ação sindical, na contramão da luta dos trabalhadores. Será que pretendem lutar sozinhos? Do contrário, a qual organização pretendem se agregar? Ou será que outras pessoas, individualmente, lutarão pelos direitos dos servidores desfilados?

Todos nós sabemos que a força do sindicato resulta da união dos servidores. Por que, então, não “arregam as mangas” para melhor organizar a representação sindical em sua Unidade?

Não devemos abandonar a nossa luta!

O eventual descontentamento com as políticas e diretrizes adotadas pela entidade sindical, quaisquer que sejam as pessoas que compõem a Diretoria do Sintunesp, não deveria levar o servidor a se desfiliar. Existem outros caminhos que podem ser tomados.

A democracia na entidade sindical é, efetivamente, mais participativa do que meramente representativa. Isto é, a organização sindical tem por princípio e garantia estatutária a participação e manifestação de todos, através das Assembléias Locais, nas bases, das Assembléias Gerais, do Conselho Diretor e Congresso.

Estes instrumentos possibilitam a gestão democrática, pois garantem que as deliberações em diferentes instâncias resultem, majoritariamente, da decisão de TODOS.

Não nos esqueçamos de nossa história!

O Sindicato dos Trabalhadores da Unesp – SIN-

TUNESP é resultado de um árduo trabalho. Foi construído ao longo dos anos, pelo empenho de todos os seus filiados, dos Diretores de Base, dos parceiros, como as Associações de Servidores, de inúmeros colaboradores, enfim, de toda a comunidade de trabalhadores da Unesp.

Um longo caminho trilhado resultou no que hoje é o SINTUNESP. Ele é resultado de sua própria existência, mas, se funde com a história pessoal e profissional de cada um de nós. A história do SINTUNESP é, portanto, a história verídica de nossas vidas, que toma para si as cores do trabalho e da participação coletiva.

A história do SINTUNESP é, e será sempre, uma história de sucesso, de realização de um sonho compartilhado pela classe trabalhadora desta Universidade.

Por tudo isto, manifestamos veementemente o nosso repúdio a todas as formas de ataques gratuitos e equivocados, que menosprezam a nossa história e que são pautados covardemente pelo desprezo à verdade.

(Manifesto aprovado pela DIRETORIA COLEGIADA DO SINTUNESP, MEMBROS DO CONSELHO DIRETOR e na Assembléia Geral Extraordinária realizada em 09 de fevereiro de 2007, em São Paulo-SP)

